

PORTO

Revisitado

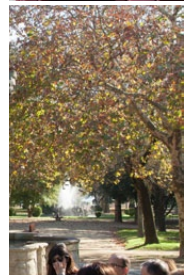
COM JOEL CLETO



À redescoberta da Foz

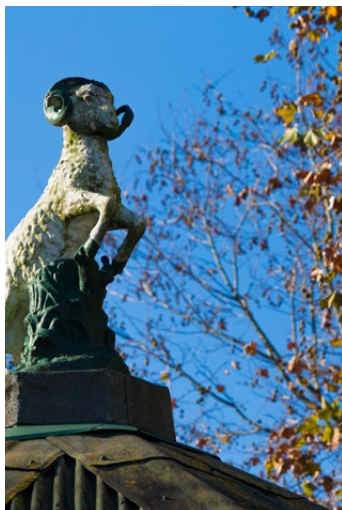
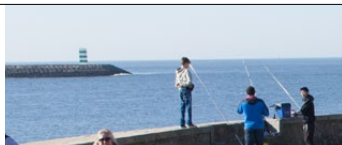
Foi com um passeio pela Foz do Douro num domingo soalheiro que chegou ao fim o “Porto Revisitado – 2015”, ciclo de visitas guiadas pelo professor e arqueólogo Joel Cleto, promovido pela Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos.

Texto Inês Ferreira · Fotografia Digireport
notremédico



Dia 15 de novembro o historiador Joel Cleto guiou mais de trinta pessoas “à redescoberta da Foz”, na última de quatro visitas que compuseram a iniciativa da SRNOM “Porto Revisitado”. Passava pouco das 10 horas da manhã de domingo quando, “com o S. Pedro a patrocinar”, o passeio arrancou do histórico Chalé Suíço, no Jardim do Passeio Alegre, situado na Foz, “área onde o Douro termina a sua viagem”, como descreveu Joel Cleto logo de início. Como explicou o historiador, D. Miguel da Silva, “muitos anos cônsul em Roma”, onde contactou de perto com a corrente renascentista e os Médici, era “um homem ilustrado, com algum poder”, e quando esteve na mesa a hipótese de vir a ser Papa os ciúmes de terras lusas falaram mais alto e foi chamado para Portugal, onde se tornou responsável pelo Mosteiro de Santo Tirso, a quem tinha sido doada – como padroado – por Afonso Henriques, a zona da Foz do Douro. O objetivo do clérigo era “transformar a Foz num importante porto”. Graças a ele aqui foram edificadas em 1527 “as mais antigas construções renascentistas em Portugal”, “pioneiras e caso único”, ainda no resto do país imperava o estilo manuelino: a

capela-mor e o Farol de São Miguel-o-Anjo. Mais tarde, após o “Funchal” ter sido atacado por navios piratas, a rainha Catarina de Áustria mandou erguer fortalezas nas grandes cidades portuárias portuguesas, e assim foi construída a muralha a rodear a igreja e edifícios anexos, de que resultou aquele que é conhecido como “Forte de São João Baptista da Foz” ou “Castelo de São João da Foz”.



“As mais antigas construções renascentistas em Portugal” estão na Foz do Douro.”

Joel Cleto

Até 1836 a Foz do Douro era um povoado de pescadores, marinheiros, mas a partir daqui começou a ser o local onde “a aristocracia vinha a banhos”, também devido à comunidade inglesa. Para favorecer a pernoita, foram construídos hotéis, como o ‘Hotel da Boavista’, mansões e até um Casino.

Depois de 1872 o acesso tornou-se “muito popular, com a chegada do ‘americano’”, carruagens sobre carris puxadas por animais, e a Foz tornou-se mais burguesa, tendo até sido projetado, por iniciativa

de uma comissão de veraneantes, o Jardim do Passeio Alegre, facultando um local de convívio. As “requintadas” instalações sanitárias ali presentes surpreenderam alguns dos participantes, que nunca tinham dado conta dos azulejos de Arte Nova e espaços “musealizados”, que compõe, nas palavras de Joel Cleto, “o mais belo quarto de banho público da cidade”.

Junto ao rio e com a sonoridade das dezenas de papagaios que há cerca de dois anos se instalaram nesta zona, o arqueólogo falou sobre a Barra do Douro e a perigosa língua de areia do Cabedelo e rochedos: “Esta Barra sempre foi um desafio para marinheiros de todo o mundo”, afirmou o historiador, lembrando que por essa razão eram os pilotos do Douro que levavam as embarcações “a bom porto”.

O grupo subiu depois até à igreja paroquial de São João Baptista da Foz do Douro, que veio substituir a que passou a estar situada no forte. Segundo Joel Cleto, na altura da sua construção o Mosteiro de Santo Tirso tinha poucos fundos e foi um hospitalar, Balio, que cedeu os terrenos para a sua construção. Durante mais de um século sem igreja, a comunidade recorria à capela de Santa Anastácia, que também mereceu a paragem do passeio. Deixando para trás a parte moderna, o passeio prosseguiu para a chamada “Foz Velha”, “núcleo de grande identidade”. Na antiga Rua Central, hoje Rua Padre Luís Cabral, o historiador falou sobre os movimentos que ali se concentravam noutros tempos e também da escultora portuguesa Irene Vilar. Algumas ruas estreitas abaixo, foi então tempo de ficar a conhecer o próprio Padre Luís Cabral, que entre outros feitos dirigiu o Colégio dos Jesuítas no Brasil e foi professor de Jorge Amado. Emília Leite, uma das participantes, não escondeu o entusiasmo com o passeio, e enquanto fotografava alguns detalhes, deixou-nos o seu testemunho: “Estou

a passar num sítio que conheço e que desconheço. Muitas vezes passamos e não nos apercebemos da história do local”. Um domingo bem passado na sua opinião, não só pelo “tempo espetacular” mas também pela capacidade que Joel Cleto tem de interagir “com as pessoas e espaços”, permitindo que tudo flua com naturalidade. ■